

O Impacto da Pandemia do Covid-19 nas Relações Sexuais: um Recorte por Orientação Sexual

The Impact of the Covid-19 Pandemic on Sexual Relationships: a Cutout by Sexual Orientation

Jairo Domingos de Morais¹
Antônia Antonieta Alves da Silva²
Ana Lydia Franco²
Gabriel Alves Desiderio²
Matheus de Souza Nobre²
Miguel Vicente Ucó³
Elbin Djedjo³
Isabelle Eunice Albuquerque Pontes⁴

RESUMO

Objetivo: analisar o impacto causado pelo distanciamento social na vida sexual dos indivíduos heterossexuais e não-heterossexuais. **Metodologia:** trata-se de um estudo descritivo de corte transversal e quantitativo, realizado por meio de um questionário online com 807 pessoas com vida sexual ativa e maiores de 18 anos. Realizou a regressão logística binária através da razão de chances com nível de significância de 5%. **Resultados:** observou-se através da amostra apresentada que a maioria eram mulheres (68,52%), brancas (50,92%), com pós-graduação (27,13%). Ambos os grupos em sua maioria não quebraram o distanciamento social para ter relações sexuais (70,13%). A vida sexual foi afetada pela pandemia (54,89%), existindo um decaimento ao atingir orgasmos que ocorriam em boa parte (56%) das relações sexuais antes da pandemia em ambos os grupos e durante a pandemia (38%), observando poucas vezes o sentimento de dor durante ou após as relações sexuais nesse período (73,35%) além de ambos os grupos declararem mudanças no padrão de sono durante a pandemia (79,05%). O grupo não-heterossexual teve sua vida sexual mais afetada que o grupo heterossexual durante a pandemia. **Conclusão:** conclui-se que a pandemia causou diferentes impactos, onde uma parcela considerável de pessoas teve sua vida sexual afetada independente da orientação sexual.

DESCRIPTORIOS

Comportamento Sexual. Sexualidade. Pandemias. COVID-19.

ABSTRACT

Objective: To analyze the association between body image dissatisfaction and demographic and anthropometric factors, and sexual maturation indexes in children and adolescents. **Methodology:** 306 students were analyzed in a cross-sectional design, and the age varied between 8 to 13 years old. Sexual maturation was self-evaluated from the Tanner's scale. Weight, height, and skinfolds were measured to assess body mass index and body fat percentage. A multinomial logistic regression was used for statistical inferences considering a significance level of 5%. **Results:** The students in the 3rd and 4th Tanner stage presented an odds ratio of 0.34 (CI: 0.12-0.97) for the desire to improve silhouette, and, the ones who were overweight and with higher body fat percentage presented, respectively, an odds ratio of 3.07 (CI: 1.35-6.99) and 2.05 (CI: 1.07-5.85) for the desire to reduce the silhouette size. **Conclusion:** The body image dissatisfaction was associated with sexual maturation and anthropometric indicators, but body mass index was more strongly associated. Actions to promote improvements in body image dissatisfactions should consider maturation stages as well as body mass index classifications for a better efficacy.

DESCRIPTORS

Body Image. Anthropometry. Sexual Maturation. Children. Adolescent.

¹ Professor do Instituto de Ciências da Saúde da UNILAB, Redenção, CE, Brasil.

² Graduando do curso de Farmácia da UNILAB, Redenção, CE, Brasil.

³ Graduando do curso Enfermagem (UNILAB), Redenção, CE, Brasil.

⁴ Professora do Departamento de Fisioterapeuta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, Paraíba, Brasil.

Em consequência da propagação do COVID-19 em todo o mundo e seguindo os procedimentos adotados em outros países que tiveram êxito no domínio da pandemia, diversos estados e municípios brasileiros adotaram o modelo de distanciamento social, com o objetivo de minimizar o contato entre as pessoas, visando também, a diminuição da velocidade de transmissão do vírus. Deste modo, as medidas mais recomendadas para controlar a disseminação viral são o fechamento de escolas e empresas, cancelamento de eventos públicos, estímulo para as pessoas permanecerem em suas casas, além de medidas de higiene como lavar sempre as mãos, usar máscara, distanciamento social, dentre outras¹.

A atual pandemia de COVID-19 tem provocado transformações profundas na forma como os indivíduos se relacionam em todo o mundo e impactado diretamente na vida sexual dos mesmos durante o distanciamento social independente da situação conjugal ou orientação sexual².

Dentro desta perspectiva que engloba os diversos grupos sociais incluídos neste contexto excepcional de distanciamento social, indivíduos não-heterossexuais acabam sofrendo em maior proporção se comparado a indivíduos heterossexuais. Esse panorama não é evidenciado somente em território brasileiro, sendo também refletida em escala mundial³.

Os grupos de indivíduos não-heterossexuais sofrem duplamente, não só no contexto atual de pandemia, mas também se reflete em outros processos de isolamentos advindos de questões familiares que reposicionam esses indivíduos como

comunidades esquecidas pelo poder estatal⁴. Deste modo, é perceptível que no contexto ocasionado pelo distanciamento social, esses grupos acabam sofrendo as consequências do distanciamento social em vários contextos sociais e econômicos.

Segundo Konnoth *et al.*³, os grupos considerados não-heterossexuais estão sofrendo em maior número, tendo em vista que estão mais propensos a terem um processo de impacto tanto em contextos de isolamento como na sua atividade sexual como também em sofreram em maior grau se contraírem a doença visto que além de presenciarem o impacto econômico já sofrem em maior dimensão pela falta de oportunidades causadas por intensos preconceitos advindos da sua identidade de gênero.

Este fator é preocupante uma vez que a atividade sexual tem capacidade de aumentar a longevidade e o sistema imunológico, além de acarretar a melhora psíquica desses indivíduos. Nesse contexto de distanciamento social, a atividade sexual traz inúmeros benefícios que se observa na diminuição do aparecimento de transtornos de estresse pós-traumático e ansiedade observados em situações de confinamentos ocasionados por pandemia⁵.

Nesse sentido, além das inúmeras represálias que os indivíduos não-heterossexuais sofrem em vários espaços da sociedade, o distanciamento social durante a pandemia do novo coronavírus acabou por intensificar o impacto também nas relações sexuais dessas pessoas que por motivos diversos tiveram suas relações interrompidas dentro desse contexto pandêmico. Deste modo, o presente artigo tem como objetivo analisar o

impacto causado pelo distanciamento social na vida sexual de indivíduos heterossexuais e não-heterossexuais.

METODOLOGIA

Trata-se de um recorte da Pesquisa, de âmbito Nacional, “Sexualidade em tempos de pandemia: reflexos do distanciamento social decorrente da COVID-19 na população Brasileira” que representa um estudo multicêntrico descritivo de corte transversal e abordagem quantitativa, realizada por meio de um questionário *online* pelo *Google Forms*, divulgada através das mídias sociais e desenvolvido no mês de junho de 2020.

A amostra foi composta por 807 pessoas com vida sexual ativa e maiores de 18 anos das 5 regiões brasileiras. Os indivíduos foram separados em 2 grupos: a) Grupo de indivíduos heterossexuais (n=657) e b) Grupo de indivíduos não-heterossexuais (n=150) que reúnem indivíduos homossexuais, bissexuais, assexuais e outros (demissexual e pansexual). Foram incluídos no estudo no estudo homens e mulheres, maiores de 18 anos, que tenham vida sexual ativa. Não foram considerados para participar do estudo os indivíduos que possuam algum déficit cognitivo que o impeça de responder às questões e pessoas que não sabem ler.

Os dados foram coletados por meio de um questionário contendo informações a respeito do perfil sociodemográfico, aspectos relacionados ao COVID-19, vida sexual e aspectos relacionados ao sono dos participantes. Em seguida os dados foram armazenados no software Microsoft Excel®. Para análise dos dados, adotou-se o pacote

estatístico IBM - SPSS 22.0 para estatística descritiva e para buscar associação entre as variáveis realizou a regressão logística binária através da razão de chances (Odds Ratio ajustado) a fim de investigar associação entre a orientação sexual e as variáveis independentes do estudo com intervalo de confiança de 95% e com nível de significância de 5% (p-valor <0,05).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) sob o parecer nº 4.050.129/2020 e Certificado de Apresentação de Apreciação ética o (CAAE) nº 31383120.7.0000.5576 e seguiu as recomendações dos preceitos éticos da Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde e da Declaração de Helsinki.

RESULTADOS

Os indivíduos da orientação heterossexual da pesquisa divergem dos indivíduos não-heterossexuais no que diz respeito ao sexo e renda familiar, sendo o grupo heterossexual em sua maioria mulheres, casadas ou em união estável com renda acima de 5 salários-mínimos em contrapartida no grupo não heterossexual apresenta em sua maioria de homens que namoram ou são solteiros com renda entre 1 e 3 salários-mínimos respectivamente (tabela 1).

As demais variáveis sociodemográficas demonstraram, independente da orientação sexual, em sua maioria indivíduos com idade entre 18 e 40 anos, brancos que possuem pós-graduação e que estavam trabalhando no período da pesquisa. Houve significância

Tabela 1 – Aspectos sociodemográficos e econômicos de indivíduos heterossexuais e não-heterossexuais – Brasil.

Variáveis	Heterossexual		Não-heterossexual		Total	p-valor	
	N	%	N	%	%		
Sexo	Masculino	127	15,7	74	9,2	24,9	0,001*
	Feminino	488	60,4	65	8,1	68,5	
	Não Informado	42	5,2	11	1,4	6,6	
Idade	Entre 18 e 40 anos	549	68,0	137	17,0	85,0	0,009*
	Entre 40 e 67 anos	108	13,4	13	1,6	15,0	
Etnia	Negra	50	6,2	16	2,0	8,2	0,152
	Parda	266	33,0	47	5,8	38,8	
	Branca	327	40,5	84	10,4	50,9	
	Indígena	7	0,9	0	0,0	0,9	
	Oriental Asiático	4	0,5	1	0,1	0,6	
	Outro	3	0,4	2	0,2	0,6	
Escolaridade	Ensino Fundamental Completo	0	0,0	1	0,1	0,1	0,003*
	Ensino Médio completo	16	2,0	6	0,7	2,7	
	Ensino Médio incompleto	2	0,2	0	0,0	0,1	
	Ensino Técnico	10	1,2	1	0,1	1,4	
	Ensino Superior incompleto	118	14,6	46	5,7	20,3	
	Ensino Superior completo	155	19,2	33	4,1	23,3	
	Pós-graduação	156	44,1	63	7,8	51,9	
Trabalha atualmente	Sim	513	63,3	101	12,5	76,1	0,005*
	Não	144	17,8	49	6,1	23,9	
Renda	< 1 salário-mínimo	14	1,7	7	0,9	2,6	0,001*
	1 a 3 salários-mínimos	187	23,2	63	7,8	31,0	
	3 a 5 salários-mínimos	183	22,7	45	5,6	28,3	
	> 5 salários-mínimos	273	33,8	35	4,3	38,2	
Estado civil	Solteiro	166	20,6	62	7,7	28,3	0,001*
	Namorando	160	19,8	65	8,1	27,9	
	Casado ou união estável	328	40,6	21	2,6	43,2	
	Viúvo	3	0,4	0	0	0,4	
	Outros	0	0	2	0,2	0,2	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

estatística para associação das variáveis “sexo”, “idade”, “escolaridade”, “trabalha atualmente”, “tipo de relacionamento” e “renda” com o tipo de orientação sexual. Uma informação observada também na Tabela 1 é que 6,6% dos indivíduos não informaram o sexo na pesquisa.

No que diz respeito às questões ligadas

à pandemia de COVID-19, grande parte dos entrevistados não tiveram, e nem alguém do mesmo domicílio, sintomas ou confirmação de COVID-19. Da mesma forma que possuíam um parceiro sexual fixo, permanecendo em distanciamento social e não quebraram o distanciamento social para terem relações sexuais (tabela 2).

Tabela 2 – Variáveis ligadas à pandemia de COVID-19 dos indivíduos heterossexuais e não-heterossexuais – Brasil.

Variáveis		Heterossexual		Não Heterossexual		Total %	OR (IC 95%)	p-valor
		N	%	N	%			
Sintomas ou confirmação COVID-19	Sim	81	10,0	18	2,2	12,3	1,031 (0,59 - 0,177)	0,912
	Não	576	71,4	132	16,3	87,7		
Sintomas ou confirmação COVID-19 de alguém do domicílio	Sim	80	9,9	10	1,2	11,2	0,155 (0,067 - 0,360)	0,001*
	Não	546	67,7	115	14,3	81,9	0,261 (0,149 - 0,459)	
	Não aplicável	31	3,8	25	3,1	6,9	-	
Permaneceu em distanciamento social	Sim	391	48,5	89	11,1	59,5	1,013 (0,692 - 1,483)	0,942
	Não	39	4,8	10	1,2	6,1	1,141 (0,535 - 2,436)	
	Parcialmente	227	28,1	51	6,3	34,4	-	
Quebrou o distanciamento social para ter relações sexuais	Sim	169	20,9	72	8,9	29,9	0,375 (0,260- 0,540)	0,001*
	Não	488	60,5	78	9,7	70,1		
Você possui parceiro sexual fixo	Sim	515	63,8	93	11,5	75,3	2,223 (1,523 - 3,245)	0,001*
	Não	142	17,6	57	7,1	24,7		

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Vale ressaltar que quase a metade dos indivíduos não-heterossexuais quebrou o distanciamento social para ter relações sexuais, com uma diferença de 0,8% apenas entre aqueles que não quebraram o distanciamento para terem relações sexuais, como observado na tabela 2. Houve ainda associação estatisticamente significativa com as variáveis de “sintomas ou confirmação de COVID de alguém do domicílio”, “ter quebrado o distanciamento social” e “possuir um parceiro fixo” com a orientação sexual do indivíduo.

O grupo heterossexual apresentou 66,5% mais chance, como fator de proteção, para não quebrar o distanciamento social para ter relações sexuais do que o grupo não heterossexual que apresenta em contrapartida 2,1 vezes mais chance de quebrar. Observou ainda que o grupo heterossexual apresenta 2,2 vezes mais chance de possuir um parceiro sexual fixo comparado ao grupo não heterossexual durante esse período.

Já as questões relacionadas a vida sexual, dos indivíduos heterossexuais ou não-heterossexuais, podem-se constatar que os indivíduos autodeclararam que sua vida sexual foi afetada pela pandemia onde estavam satisfeitos sobre sua vida sexual antes da pandemia, mas que houve mudanças dessa percepção durante a pandemia. Existiu um decaimento ao atingir orgasmos que ocorriam em boa parte das relações sexuais antes da pandemia em ambos os grupos, mas no grupo não-heterossexual houve um aumento considerável de pessoas que não atingiram os orgasmos durante as relações na pandemia (tabela 3).

O grau de desejo ou interesse sexual

durante a pandemia variou de moderado a alto em ambos os grupos observando poucas vezes o sentimento de dor durante ou após as relações sexuais no período da pandemia. Houve evidências estatisticamente significativa entre as variáveis “vida sexual afetada pela pandemia”, “grau de desejo ou interesse sexual durante a pandemia” e “frequência de dor ou desconforto durante/após as relações sexuais durante a pandemia” com os grupos de orientação sexual (tabela 3).

O grupo heterossexual apresentou 52,8% mais chance de não ter sua vida sexual afetada pela pandemia quando comparada ao grupo não heterossexual e ainda 10,3% de não mudar a percepção de sua vida sexual anterior e durante a pandemia.

Analisando os aspectos relacionados ao sono dos indivíduos apreendeu-se que em ambos os grupos tiveram mudança no padrão do sono durante a pandemia, com dificuldade de começar a dormir, bem como despertando a noite ou de madrugada e com dificuldade de retornar a dormir, além de não conseguir acordar no mesmo horário de e ter a mesma média de horas de sono que antes da pandemia. As variáveis “Despertar a noite ou na madrugada” e “teve dificuldade de voltar a dormir” obteve associação estatisticamente significativa com a orientação sexual do indivíduo como observado na tabela 4.

O grupo heterossexual apresentou ainda 47,5% mais chance de não ter mudança no seu padrão de sono bem como 23,7% mais chance de não ter dificuldade para começar a dormir nesse período e 48,1% mais chance de não despertar a noite ou de madrugada e com dificuldade de voltar a dormir em seguida.

Vale ressaltar que os pesquisadores

Tabela 3- variáveis relacionadas a excitação e desejo sexual de indivíduos heterossexuais e não-heterossexuais que tiveram sua vida sexual afetada no período de distanciamento social

Variáveis		Heterossexual		Não Heterossexual		Total %	OR (IC 95%)	P-valor
		N	%	N	%			
Vida Sexual afetada pela pandemia	Sim	339	42,0	104	12,9	54,9	0,472 (0,323 – 0,689)	0,001*
	Não	318	39,4	46	5,7	45,1		
Percepção da vida sexual antes da pandemia	satisfatória	524	64,9	114	14,1	79,1	1,244 (0,817 – 1,894)	0,308
	insatisfatória	133	16,5	36	4,5	20,9		
Houve mudança na avaliação da percepção da vida sexual durante a pandemia	Sim	276	34,2	67	8,3	42,5	0,897 (0,628 – 1,283)	0,552
	Não	381	47,2	83	10,3	57,5		
Sente/ Sentia Excitação sexual durante a pandemia	Sim, não mudou	371	46,0	75	9,3	55,3	-	0,101
	Sim, aumentou	183	22,7	55	6,8	29,5	1,487 (1,006 – 2,197)	
	Não	103	12,8	20	2,5	15,2	0,961 (0,560 – 1,647)	
Atingia orgasmo antes da pandemia	Sim, todas as vezes	237	29,4	68	8,4	37,8	-	0,060
	Sim, boa parte das vezes	381	47,2	71	8,8	56,0	0,649 (0,449 – 0,940)	
	Não	39	4,8	11	1,4	6,2	0,983 (0,478 – 2,022)	
Sente/ Sentia orgasmo durante a pandemia	Sim, todas as vezes	212	26,3	52	6,4	32,7	-	0,066
	Sim, boa parte das vezes	265	32,8	46	5,7	38,5	0,708 (0,458 – 1,094)	
	Não	180	22,3	52	6,4	28,7	1,178 (0,764 – 1,815)	
Grau de desejo ou interesse sexual durante a pandemia	Muito baixo ou nenhum	35	4,3	1	0,1	4,5	0,067 (0,009 – 0,509)	0,002*
	Baixo	75	9,3	18	2,2	11,5	0,564 (0,297 – 1,073)	
	Moderado	248	30,7	49	6,1	36,8	0,465 (0,284 – 0,760)	
	Alto	212	26,3	45	5,6	31,8	0,499 (0,302 – 0,824)	
	Muito alto	87	10,8	37	4,6	15,4	-	
Frequência de desconforto ou dor durante ou após as relações sexuais no período de pandemia	Não houve relação	129	16,0	37	4,6	20,6	-	0,007*
	Sempre ou quase sempre	10	1,2	5	0,6	1,9	1,743 (0,561 – 5,418)	
	muitas vezes	22	2,7	12	1,5	4,2	1,902 (0,861 – 4,201)	
	poucas vezes /menos da metade do tempo	496	61,5	96	11,9	73,4	0,675 (0,441 – 1,033)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Tabela 4- variáveis relacionadas ao sono e ao uso de medicamentos para dormir de indivíduos heterossexuais e não-heterossexuais no período de distanciamento social

Variáveis		Heterossexual		Não heterossexual		Total %	OR (IC 95%)	p- valor
		N	%	N	%			
Mudança no padrão do sono	Sim	508	62,9	130	16,1	79,1	0,525 (0,317 – 0869)	0,011*
	Não	149	18,5	20	2,5	20,9		
Dificuldade para começar a dormir nesse período	Sim	445	55,1	110	13,3	68,8	0,763 (0,513 – 1,135)	0,182
	Não	212	26,3	40	5,0	31,2		
Despertou a noite ou na madrugada e teve dificuldade de voltar a dormir	Sim	420	52,0	116	14,4	66,4	0,519 (0,343 – 0,768)	0,002*
	Não	237	29,4	34	4,2	33,6		
Conseguiu acordar no mesmo horário de antes	Sim	186	23,0	40	5,0	28,0	1,086 (0,728 – 1,620)	0,686
	Não	471	58,4	110	13,6	72,0		
Você tinha a mesma média de horas de sono que antes	Sim	186	23,0	37	4,6	27,6	1,206 (0,802- 1,814)	0,368
	Não	471	58,4	113	14,0	72,4		

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

não apresentam nenhum conflito de interesse cuja pesquisa busca contribuir com a temática em questão e compreender os impactos da pandemia na vida sexual de ambos os grupos buscando, mediante restrita literatura nacional, trazendo à tona tal realidade a fim de subsidiar estratégias e políticas públicas frente a incerteza e desconhecimento ocasionado durante a pandemia.

DISCUSSÃO

O estudo buscou evidências para

verificar como as relações sexuais foram afetadas pela pandemia da COVID-19, sob o olhar de indivíduos de diferentes orientações sexuais. Destarte, torna-se imprescindível a análise desses grupos para a construção de conhecimento em saúde pública, visto que, a criação de uma quarentena profilática para diminuição dos casos, trouxe consigo uma série de problemas de ordem psicopatológica, diretamente relacionados aos períodos estabelecidos pelo isolamento social (AFONSO P, 2020).

O perfil sociodemográfico da amostra

apontou uma prevalência de algumas características diferentes entre os indivíduos heterossexuais, sendo esse primeiro grupo formado majoritariamente por pessoas do sexo feminino, detentor de uma quantidade mais elevada de renda, casados ou em união estável. O segundo grupo apresenta uma maior proporcionalidade entre os sexos, com uma menor renda, solteiros ou em namoro e que em sua maioria quebraram o distanciamento social para terem relações sexuais, corroborando com o estudo realizado por Shilo e Mor⁶, ao analisar o comportamento sexual de homens que fazem sexo com homens na pandemia, constatando que 1.012 pessoas (39,5%) furaram o confinamento para ter relações e dessas, cerca de 2,1% tiveram mais de 10 parceiros e 2,4% participaram de orgias. Os achados ainda descobriram que os indivíduos que realizavam sexo casual, mesmo com as restrições, possuíam um perfil mais jovem, solteiros, níveis mais altos de preocupação, baixos de bem-estar e menos graduados se comparados aos que foram mais ponderados em suas relações.

Esses aspectos demonstram para a confirmação de que a população não hetera teve a sua sexualidade e saúde mental^{7,8} mais vulnerável aos efeitos da privação, estando suscetível a quebrar a quarentena⁶ e problemas psicológicos⁹ que segundo achados de Moore et al.¹⁰ são eventos mais observados em grupos cisgênero-heterossexuais.

Em ambos os grupos da amostra a percepção da vida sexual foi considerada satisfatória anteriormente a pandemia, mas que houve mudança e decaimento dessa percepção durante a pandemia e que Cito et al.¹¹ aponta como razões encontradas para a

diminuição das relações sexuais como a falta de privacidade (43,2%), a falta de estímulos psicológicos (40,9%), a diminuição do nível de atratividade (15,0%) e falta de desejo do parceiro (13,5%).

Em contrapartida, o grau de desejo sexual, foi considerado entre moderado a alto na presente pesquisa. O resultado oposto foi encontrado por Li et al.¹² em um estudo semelhante que apresentou o desejo entre inalterado e deteriorado. Em consonância, na Itália, indivíduos e casais, obtiveram como maioria não haver nenhuma redução do desejo sexual quando comparado ao período anterior à pandemia (71,3%)¹¹.

Somado a isso, a excitação manteve o seu padrão de normalidade mesmo em decorrência do período de confinamento para a maioria dos participantes o que corrobora com Panzeri et al.¹³ que encontrou entre a quinta e oitava semanas, após o bloqueio de isolamento social mais rígido, homens e mulheres que relataram, não perceberem nenhuma diferença na excitação em comparação ao período pré-pandêmico.

Já o atingir orgasmos apresentou um decaimento durante a pandemia e principalmente no grupo não-heterossexual o que se assemelha aos achados de Panzeri et al.¹³ que apresentou um decaimento de 17,6% para as mulheres e 6,1% para os homens. Os achados revelam que dentro das relações heterossexuais as mulheres podem ser as que mais foram afetadas sexualmente, principalmente no que tange a transtornos psicológicos como ansiedade, estresse e depressão^{5,14} o que pode influenciar diretamente na sua vida sexual.

O grupo não-heterossexual, que por

ser minoria sexual convive mais comumente com as desigualdades sociais, insegurança alimentar, falta de moradia, rejeição familiar, drogas e problemas psicológicos^{8,15,16} são as mais marginalizadas e ficam à mercê de atendimentos e acolhimento, valendo ressaltar que a população não-heterossexual já sofre desde outras pandemias virais como a de HIV entre outras, ressaltando mais uma vez a suscetibilidade a transtornos¹⁷.

Em outros trabalhos¹² sobre sexualidade na pandemia, apontaram-se práticas que passaram a ser realizadas com mais frequência para saciar as necessidades e os desejos tendo como plano de fundo a tentativa da não disseminação viral massificada o que no presente estudo, apesar de não ser a maioria, os solteiros e namorados, principalmente os não coabitados, foram recomendados a evitarem o contato com outros indivíduos, independentemente da apresentação de indivíduos assintomáticos ou não contaminados.

Esse aspecto ainda ficou mais evidente pelo massivo uso do portal de pornografia Pornhub, que em uma ação de conscientização para incentivar o isolamento, bateu recorde de acesso (24,4%) no início da pandemia¹⁸ além de outras práticas sexuais como novas posições sexuais, *sexting*, enviar imagens estando nu, executar e compartilhar fantasias sexuais, assistir pornografia, pesquisar sobre sexo online, sexo cibernético, fazer filmagens se masturbando, visitar como performer ou cliente de sites de *camming*, aplicativos sexuais e uso de apetrechos eróticos tecnológicos¹⁹.

A detecção da disfunção sexual é de grande importância, pois no quesito de saúde

propriamente dito, a sexualidade desempenha uma função vital para todos os sexos, em tal grau a OMS especula que a felicidade sexual é uma condição inerente da saúde, onde a falta de prazer pode vir a desencadear vários problemas como mau humor, uma constante tensão, insônia, depressão, entre outros²⁰.

É inegável que uma pesquisa online consegue alcançar um acesso maior de pessoas sendo recomendável e seguro para ser realizado nesse período de pandemia e isolamento social. Contudo, uma limitação do estudo diz respeito, em um contexto como o brasileiro, em que nem todas as pessoas possuem acesso a meios digitais ou ainda conhecimentos prévios, o manuseio de questionários online.

Assim, o estudo lança luz para outras questões que podem ser retomadas em breve para analisar as mudanças em relação ao pós-pandemia ou mesmo nas outras fases da doença no Brasil e no Mundo. Ainda, para observar e comparar resultados com outros estudos e/ou traçar estratégias de planejamento para possíveis novas pandemias propondo medidas de intervenção científicas e a formulação de políticas públicas na área.

CONCLUSÃO

O panorama da pandemia de COVID-19 foi marcado pelo distanciamento social que afetou todas as áreas do convívio social sobretudo no tocante da sexualidade humana cujos impactos poderão ter efeitos a longo prazo em que os resultados apresentados contribuirão com a formulação de ferramentas e políticas públicas de enfrentamento ao COVID-19.

Podemos concluir que a pandemia de COVID-19 trouxe impactos importantes na vida sexual de indivíduos não-heterossexuais e heterossexuais ocorrendo uma diminuição da satisfação da vida sexual durante a pandemia bem como mudanças no padrão de sono de ambos os grupos. Apesar da disseminação dos órgãos de controle e informação sobre recomendações de abordagens sexuais mais seguras ou até mesmo a abstinência ou práticas individuais, pode-se observar um número expressivo de indivíduos não-heterossexuais na presente pesquisa que quebraram o distanciamento social para terem relações sexuais.

Os resultados apontam ainda que houve durante esse período a ocorrência de disfunções de desejo, excitação e do orgasmo entre os participantes do estudo bem como a presença ainda que em poucos casos de dispareunia. Em tempos de pandemia o grupo não-heterossexual apresentou ter mais a vida sexual afetada em relação ao grupo heterossexual fortemente influenciadas

por fatores internos e externos discutidos anteriormente. Nesse sentido, constitui-se em um problema de saúde pública, e desse modo, merecedor de atenção dos profissionais de saúde e conseqüentemente ser levada em consideração para o cuidado integral do indivíduo no enfrentamento a doença

O presente estudo demonstrou ainda impactos na duração, latência, eficiência habitual e qualidade do sono o que demonstra a importância da discussão contextualizada em seu múltiplo olhares e a realização de novas pesquisas com abordagens quanti-qualitativas sobre para melhor compreensão do impacto da pandemia na sexualidade humana ao longo prazo oriundo deste período de pandemia e distanciamento social.

AGRADECIMENTOS

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) da UNILAB pela disponibilidade de bolsa de Iniciação científica do aluno Matheus de Sousa Nobre.

REFERÊNCIAS

1. Natividade Ms, Bernardes K, Pereira M, Miranda Ss, Bertoldo J, Teixeira Mg, Livramento Hl, Aragão E. Distanciamento social e condição de vida na pandemia COVID-19 em salvador-Bahia, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*. 2020 Ago/set; 25(9):3385-3392. DOI. org/10.1590/1413-81232020259.22142020.
2. Sanchez TH, Zlotorzynska M, Rai M, Baral SD. Characterizing the Impact of COVID-19 on Men Who Have Sex with Men Across the United States in April, 2020. *AIDS Behav*. 2020;24(7):2024-2032. doi:10.1007/s10461-020-02894-2.
3. Konnoth, C. Supporting LGBT communities in the COVID-19 pandemic. 2020. *Assessing Legal Responses to COVID-19*. Boston: Public Health Law Watch. 2020.
4. Feitosa PWG, Rolim Neto ML. Saúde da população LGBTQ+: Iniquidades em saúde pública. Atena Editora. Ponta Grossa. 2020: 1 – 17.
5. Dèttore D, Pucciarelli M, Santarnecchi E. Anxiety and female sexual functioning: an empirical study. *J Sex Marital Ther*. 2013;39(3):216-40. https://doi:10.1080/0092623X.2011.606879.

6. Shilo G, Mor Z. COVID-19 and the Changes in the Sexual Behavior of Men Who Have Sex With Men: Results of an Online Survey. *J Sex Med.* 2020 Oct;17(10):1827-1834. DOI:10.1016/j.jsxm.2020.07.085.
7. Jiménez-Pavón D, Carbonell-Baeza A, Lavie CJ. Physical exercise as therapy to fight against the mental and physical consequences of COVID-19 quarantine: Special focus in older people. *Prog Cardiovasc Dis.* 2020 May-Jun;63(3):386-388.
8. Gualano MR, Lo Moro G, Voglino G, Bert F, Siliquini R. Effects of Covid-19 Lockdown on Mental Health and Sleep Disturbances in Italy. *Int J Environ Res Public Health.* 2020 Jul 2;17(13):4779.
9. Suen YT, Chan RCH, Wong EMY. Effects of general and sexual minority-specific COVID-19-related stressors on the mental health of lesbian, gay, and bisexual people in Hong Kong. *Psychiatry res.* 2020; 292: 113365. DOI:10.1016/j.psychres.2020.113365.
10. Moore SE, Wierenga KL, Prince DM, Gillani B, Mintz LJ. Disproportionate Impact of the COVID-19 Pandemic on Perceived Social Support, Mental Health and Somatic Symptoms in Sexual and Gender Minority Populations. *J Homosex.* 2021 Mar 21;68(4):577-591. DOI:10.1080/0918369.2020.1868184.
11. Cito G, Micelli E, Cocci A, Polloni G, Russo GI, Coccia ME, Simoncini T, Carini M, Minervini A, Natali A. The Impact of the COVID-19 Quarantine on Sexual Life in Italy. *Urologia.* 2021; 147: 37-42. DOI: 10.1016/j.urology.2020.06.101.
12. Li W, Li G, Xin C, Wang Y, Yang S. Challenges in the Practice of Sexual Medicine in the Time of COVID-19 in China. *J Sex Med.* 2020 Jul;17(7):1225-1228. DOI: 10.1016/j.jsxm.2020.04.380.
13. Panzeri M, Ferrucci R, Cozza A, Fontanesi L. Changes in Sexuality and Quality of Couple Relationship During the COVID-19 Lockdown. *Front Psychol.* 2020; 11: 565823. Publicado em 29 de setembro de 2020. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.565823.
14. Omar SS, Dawood W, Eid N, Eldeeb D, Munir A, Arafat W. Psychological and Sexual Health During the COVID-19 Pandemic in Egypt: Are Women Suffering More? *Sex Med.* 2021 Feb;9(1):100295. doi: 10.1016/j.esxm.2020.100295.
15. Salerno JP, Shrader CH, Algarin AB, Lee JY, Fish JN. Changes in alcohol use since the onset of COVID-19 are associated with psychological distress among sexual and gender minority university students in the U.S. *Drug Alcohol Depend.* 2021 Apr 1;221:108594. doi:10.1016/j.drugalcdep.2021.108594.
16. Peterson, ZD, Vaughan, EL, Carver, DN. Sexual Identity and Psychological Reactions to COVID-19. *Traumatology.* 2021 27 (1), 6-13. <https://doi.org/10.1037/trm0000283>.
17. Phillips G, Felt D, Ruprecht MM, Wang X, Xu J, Pérez-Bill E et al. Addressing the Disproportionate Impacts of the COVID-19 Pandemic on Sexual and Gender Minority Populations in the United States: Actions Toward Equity. *LGBT Health.* 2020 Sep 1;7(6):279-282. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2020.0187>.
18. Ibarra FP, Mehrad M, Di Mauro M, Godoy MFP, Cruz EG, Nilforoushzadeh MA, Russo GI. Impact of the COVID-19 pandemic on the sexual behavior of the population. The vision of the east and the west. *Int Braz J Urol.* 2020 Jul;46(suppl.1):104-112. <doi: 10.1590/S1677-5538.IBJU.2020.S116>.
19. Lehmiller JJ, Garcia JR, Gesselman AN, Mark KP. Less Sex, but More Sexual Diversity: Changes in Sexual Behavior during the COVID-19 Coronavirus Pandemic. *Leisure Sciences.* 2021;43(1-2):295-304. <https://doi.org/10.1080/01490400.2020.1774016>.
20. Silva LC, Sousa JO, Cruz AT. Incidência de disfunções sexuais em universitárias de um Centro Universitário no estado do Rio de Janeiro. *Saúde em Redes.* 2018; 4(4):95-103.

CORRESPONDÊNCIA

Jairo Domingos de Morais
Estrada do fio, 2493, Encantada Eusébio
Ceará, CE, Brasil.
E-mail: jairo@unilab.edu.br